

A Niterói que não conseguimos ver: a busca pelos lugares de memória de Niterói

BRUNO ORNELAS DA CUNHA\*

*“Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação”.* (NORA, 1993:12-13)

Início esse artigo com uma citação de Pierre Nora sobre os lugares de memória, pois tenho como objetivo problematizar sobre estes lugares no município de Niterói, no Rio de Janeiro. Pierre Nora defende que os lugares de memória “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea” e que é “preciso ter vontade de memória” para que eles se constituam.

É claro que na cidade de Niterói existem lugares de memória, mas será que eles têm interagido com a história da cidade? Será que os moradores de Niterói realmente visitam esses lugares em busca da Niterói do passado? Como o morador vê a cidade de Niterói?

Esses questionamentos já circulavam pela minha cabeça por conta da prática docente na Educação Básica, onde pude constatar o desconhecimento dos alunos sobre a história de Niterói, mas ganharam mais vulto quando passei a estudar conceitos como “lugares de memórias”, “memória X história” e até a questão da formação de uma consciência histórica.

Como professor de História em diferentes colégios particulares niteroienses destinados a pessoas de classe média e até alta ao longo da carreira, pude observar um desconhecimento sobre a história de Niterói. Ao abordar temas de História do Brasil como a criação do Ato Adicional de 1834 e a Revolta da Armada (1892-1893) exponho Niterói como capital da província e depois estado do Rio de Janeiro. A reação quase sempre é a mesma: surpresa geral. E estou falando de alunos de 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

Questiono como muito dos moradores de Niterói tem visto a cidade. Ver no sentido de reconhecê-la, de se identificar com ela. É muito comum a expressão usada pelos cariocas de que a “única coisa boa de Niterói é a vista do Rio”. A ausência de uma memória local pode promover um enfraquecimento do conceito de comunidade, desarticulando a organização política da cidade.

---

\* Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense – Mestrando Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UFF

Além disso, a inexistência ou baixa identificação com a cidade pode provocar um desinteresse por conhecer o meio em que vive. Se não me reconheço como parte de uma comunidade não tenho interesse em saber o processo histórico de sua formação, de conhecer as tensões que existiram e ainda existem para a formação do meio em que estou inserido.

Comecei a questionar se a situação apresentada – falta de conhecimento da história local – seria resultado da grande presença de estudantes oriundos de outras cidades fluminenses e até de outros estados, ou da proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, que como ex-capital do Brasil e atual capital do estado do Rio de Janeiro (desde 1975) acaba atraindo toda a atenção como se toda a história do estado emanasse dela. Percebo, na verdade, uma junção desses fatores somada à falta de um programa curricular de ensino de história local. A seguir exponho um pouco da história de Niterói e procuro dialogar acerca desses meus questionamentos.

Pouco se escreveu e se sabe da história sobre Niterói entre os séculos XVI e XVIII. O estudo de Joaquim Norberto de Souza Silva<sup>1</sup> publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 1854. Consta como história oficial de Niterói que sua fundação se deu em 22 de novembro de 1573 pelo cacique temininó chamado Araribóia. Essa data faz alusão a investidura das terras ao sesmeiro, que foi batizado de Martim Afonso de Souza. Ele ganhou a posse das terras da “banda de além” (termo usado para identificar o outro lado da Baía da Guanabara) da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro como agradecimento por ter lutado ao lado dos portugueses contra os franceses e os índios tamoios.

Araribóia e seus guerreiros teriam vindo do Espírito Santo<sup>2</sup> para auxiliar Mem de Sá e Estácio de Sá na expulsão dos franceses, que haviam fundado a França Antártica, e seus aliados, os índios tamoios. Estes eram inimigos dos temininós e estavam em guerra contra os portugueses em diferentes áreas do litoral fluminense e paulista. Começava ali o mito acerca da figura do cacique Araribóia que teria se destacado em várias batalhas contra os invasores franceses e os nativos “rebeldes”.

As terras de “Bandas de além” era uma data de terras de sesmaria de Antônio de Marins (ou Martins) e de sua esposa, Isabel Velha. Ambos renunciaram a posse das terras a pedido do governador geral Mem de Sá para que elas pudessem ser destinadas a Araribóia

pelos “muitos serviços” realizados, em 16 de março de 1568. Em 22 de novembro de 1573, o auto de posse transferia a posse das terras para Martim Afonso, o Araribóia.<sup>3</sup>

O local escolhido para instalação da aldeia de São Lourenço foi a enseada de Maruy, num local elevado (atual Morro Boa Vista). Ali, junto com os jesuítas, Araribóia montou seu aldeamento. Em 1627, os jesuítas ali montaram uma igreja dedicada a São Lourenço, que hoje é conhecida como Igreja de São Lourenço dos Índios. As terras de “banda de além” sofreram sucessivas invasões, tanto de brancos quanto de índios trazidos de outras regiões para serem “pacificados”. A expulsão dos jesuítas do império português favoreceu a decadência do aldeamento. Na década de 1850, o mesmo foi desmontado.

Niterói é um local escolhido ao longo de séculos por pessoas para fixar residência. Podemos levantar como fatores favoráveis para isso a proximidade com a cidade do Rio de Janeiro. Esta se encontrava cada vez mais populosa e epidêmica, empurrando seus moradores mais abastados a buscar áreas mais agradáveis, incluindo o outro lado da Baía da Guanabara. Somado a isso tivemos o aumento do prestígio da região com a elevação a condição de vila, em 1819, e sua promoção a capital da província do Rio de Janeiro, em 1835. Como capital provincial e, posteriormente capital estadual, Niterói se consolidava como um polo de atração populacional.

A construção da Ponte Rio-Niterói<sup>4</sup> e o *boom* imobiliário com o surgimento de novas áreas residenciais fez com que muitas pessoas migrassem para Niterói nas décadas de 1970 e 1980. A década de 1990 significou o início de um processo de recuperação da cidade, com a reorganização do espaço urbano, melhoria nos sistema de saúde e educação que fez com que o IDH do município aumentasse de 0,681, em 1991, para 0,771, em 2000 e chegando a 0,837, segundo o censo de 2010.

O aumento da violência urbano no Rio de Janeiro e a constante divulgação de índices favoráveis sobre a cidade intensificaram ainda mais a migração de cariocas para o “outro lado da poça” assim como pessoas que são transferidas de outros estados para trabalhar na capital fluminense, mas optam por residir em Niterói.

Outro fator interessante que impulsiona a migração de pessoas para Niterói é o aumento de poder aquisitivo de pessoas que habitam municípios vizinhos como São Gonçalo, Itaboraí e Rio Bonito que não apresentam padrão de qualidade de vida próximo ao de Niterói.

Além de famílias inteiras é comum a migração apenas dos filhos para concluir o Ensino Básico e ingressarem no Ensino Superior, já que não encontram qualidade semelhante em seus municípios de origem.

O crescimento demográfico de Niterói é intenso e contínuo. Em 1971, o censo promovido pelo IBGE contabilizou 324.246<sup>5</sup> residindo em Niterói. Em 1992, o censo registrou 439.091 habitantes. A estimativa para o ano de 2014 está em 495.470 residentes em Niterói. Procurei descrever acima alguns dos fatores que “engordaram” bastante esses números.

Esse breve levantamento sobre a cidade serve descrever o meu objeto de estudo – a cidade de Niterói – e iniciar problematização sobre grande quantidade de pessoas “de fora” em Niterói. Parece engraçado, mas preciso salientar que o próprio Araribóia não era nativo dessas terras. Mesmo que ele tenha nascido na capitania do Rio de Janeiro, Niterói não foi seu local de nascimento.

Procuro defender que o “inchaço” apresentado por Niterói é um dos causadores dessa falta de identificação dos habitantes com a história de Niterói. Eles decidiram morar em Niterói muito mais pelo que ela pode representar em termos de qualidade de vida (lazer, educação, segurança) do que pelo que um dia representou no cenário histórico fluminense e até nacional.

Numa breve abordagem com alunos das 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries do Ensino Médio de um colégio que leciono atualmente constatei que muitos deles não conheciam nada sobre a história da cidade e os que sabiam algo estavam com informações desencontradas. Resolvi fazer um levantamento sobre a origem desses alunos e de seus pais.

O questionário continha perguntas como o local de nascimento do aluno e de seus pais, o local preferido da cidade e se achavam importante estudar sobre a história de Niterói. Fiz o levantamento de 93 respostas que me foram apresentadas em dezembro de 2014. Constatei que desse montando 33,3% não haviam nascido em Niterói e moravam há pouco tempo na cidade. Quanto à origem dos pais dividi em três opções. Se os dois nasceram em Niterói (24,7%), se apenas um nasceu em Niterói (23,7%) e se ambos nasceram fora de Niterói (51,6%).



O problema que procuro levantar agora e concluir no decorrer desse artigo é que essas pessoas não apresentam ou tem pouco conhecimento da história local porque não são nativas ou seus pais que não são. Escrevendo sobre Niterói, Gustavo Rocha Peixoto defende que Niterói tem uma identidade própria, com seus locais históricos bem estabelecidos:

*“Os bens municipais verdadeiros são aqueles que fazem eclodir em cada niteroiense uma reação peculiar e que o distingue conscientemente do carioca e do brasileiro genérico. São notas características da cidade que não são perceptíveis senão aos detentores de um quê peculiar que os faz confrades nessa comunidade (gemeinschaft) que se define como Niterói” (PEIXOTO, 1997: 220)*

Peixoto entende que há lugares históricos que todos os niteroienses devem (ou deveriam) conhecer já que se relacionam diretamente com a identidade da cidade. Ele utiliza o termo *Gemeinschaft*<sup>6</sup> por entender Niterói como uma comunidade onde grande parte dos habitantes tem um passado em comum. Não é o que acontece com Niterói. Muitas pessoas na verdade desconhecem o significado e até a existência desses bens patrimoniais.

Interpretando o que Peixoto chama de “bens municipais verdadeiros” vemos que se refere ao patrimônio de Niterói, seja ele material ou imaterial. Esses bens são frutos de projetos políticos ou artísticos que procuraram estabelecer, cada qual à sua época, uma imagem idealizada da cidade. Alguns desses bens se tornaram “lugares de memória”, ao procurarem guardar resquícios de uma coletividade que só habita ali. Reconhecer esses bens seria, então, reconhecer todo o processo de construção da memória da cidade.

Ao questionar meus alunos sobre seus locais preferidos na cidade poucos foram os que apontaram os monumentos históricos da cidade (museus, fortes ou praças públicas), reconhecidamente locais de construção de memória. Apontaram lugares relacionados ao lazer e ao entretenimento, bem como locais de prática de esportes. Geralmente a referência que eles têm do que nós academicamente chamamos de “lugares de memória” são os que se encontram na cidade do Rio de Janeiro.

Não há problema em se “espelhar” na cidade vizinha, mas deve haver um questionamento acerca disso. O aluno deveria se perguntar, por exemplo, por que no Rio de Janeiro existem grandes museus e Niterói não. Onde estariam essas “marcas” históricas autênticas de Niterói? Elas existem e estão muitas vezes ao alcance dos olhos, mas não são vistas. Passam despercebidos diante de olhos não treinados a enxergar e problematizar o meio em que vivem.

A vinda constante de pessoas “de fora” pode provocar um desaparecimento da memória local de Niterói. Não que a ausência desta memória local seja um risco, mas sua falta prejudica a afirmação e a construção de laços sociais a partir dos usos do passado e possivelmente dificulta que a comunidade se reconheça, esvaziando seu poder de organização e capacidade de ação coletiva, enfraquecendo a presença política da comunidade e produzindo o esquecimento.

Michael Pollak defende que a memória é um fenômeno construído<sup>7</sup>, de forma consciente ou não. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.” (POLLAK, 1992: p.5). Segundo o autor, a memória, individual ou coletiva, é constituída por acontecimentos, personagens (ou pessoas) e lugares. Esses elementos precisam ser organizados para que essas histórias de vida adquiram justificação e credibilidade, num processo chamado de enquadramento da memória (termo que pegou emprestado de Henry Rousso).

O trabalho de enquadramento da memória utiliza referências fornecidas pela história que são interpretadas e combinadas, a fim de criar uma memória que possa representar um grupo ou sociedade de forma coerente. Não esqueçamos que essas referências tem que passar pelo crivo da justificação e da credibilidade.

Para Maurice Halbwachs, um dos primeiros pesquisadores a refletirem acerca do conceito de memória, toda memória é coletiva. Para ele a memória individual é formada por diversos pontos de referência que nos inserem na memória da coletividade. Um exemplo desses pontos de referência seriam justamente os “lugares de memória” trazidos à tona por Pierre Nora e que nos auxiliariam no caso específico de Niterói.

A memória coletiva é, ainda, estruturada de tal forma que define “o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais.” (POLLAK, 1992, p.3). Halbwachs (apud POLLAK, 1992, p.3), destaca que a memória coletiva gera coesão social, sem precisar de nenhuma medida impositiva. Seria através da “comunidade afetiva”, onde há uma adesão afetiva dos indivíduos ao grupo. Essa adesão afetiva se daria a partir de uma negociação que pretendesse conciliar memórias coletivas e memórias individuais. Nesse processo de negociação, Halbwachs expressa que não adianta termos acesso à lembranças e testemunhos

de outros, se não houver pontos de contatos suficientes entre a nossa memória e a dos outros. Só assim a memória coletiva é reconstruída em uma base comum.

Pollak chega a dizer que a memória nos parece, em primeira análise, ser um fenômeno individual, pessoal, da essência de cada um, ligado a vida íntima. Só que o que leva a existência de uma memória individual é exatamente a sua interação social junto a uma coletividade, como esse indivíduo se relaciona, como é visto e vê. Logo, por excelência a memória é antes de tudo coletiva.

A memória, seja ela coletiva ou individual, é composta, como já vimos acima, por acontecimentos, personagens (ou pessoas) e lugares<sup>8</sup>. Muitas das vezes esses elementos são ligados “por tabela” à memória individual. É possível que uma pessoa, em uma entrevista, exponha um acontecimento que não viveu como o tendo feito. Alegar ter conhecido uma pessoa sem tê-lo. Não podemos deixar de citar também, que existem pontos de referência que não são flutuantes e mutáveis, ou seja, eles são marcos irredutíveis na vida da pessoa, e que marcam sua essência. Essa é exatamente a memória individual, composta pelos elementos citados acima e que são próprios da pessoa.

Segundo Pollak, a memória coletiva tem como funções manter a coesão interna e defender as fronteiras territoriais<sup>9</sup>. Esta memória fornece uma gama de pontos de referência que aproximam os indivíduos independente de quanto tempo se passa “em silêncio”, da repressão que podem sofrer do aparelho estatal e até invasões de outros povos. São “tentativas mais ou menos inconscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais de coletividades de tamanhos diferentes”.<sup>10</sup>

O autor Ulpiano Meneses defende que a memória coletiva “assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão.”<sup>11</sup> Os dois autores apoiam a ideia da memória como formadora de identidade social.

Defendo a inclusão de um currículo de História Local de Niterói no Ensino Médio como forma de despertar o pensamento crítico e a cidadania. Atualmente isso acontece apenas nas séries iniciais. Não quero proteger a memória, mas como levantamos acima, entendo que a presença de uma memória local permite uma série de questionamentos acerca do meio em que vivemos e suas relações de poder, organização social e desenvolvimento econômico.

Estudiosos da História Local sustentam que sua aplicação facilita a absorção e compreensão do conteúdo, fugindo da memorização e despertando a visão crítica, já que torna possível ao aluno enxergar as relações entre a região em que mora com outras regiões do país e até do mundo. Sobre a facilidade de compreensão transcrevo de Elison Paim e Vanessa Picolli:

“O ensino da história local trata das especificidades das localidades, tem uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais.” (PAIM e PICOLLI, 2007, p. 114).

Sobre a possibilidade de despertar a cidadania e o rigor crítico transcrevo Natania Nogueira:

“A escola, a quem foi incumbida a tarefa de formar o cidadão, acaba esquecendo que a cidadania começa a partir da valorização do regional para então remeter-se ao nacional. A valorização da memória do município favorece o surgimento de um espírito crítico e comprometido com o bem comum.” (NOGUEIRA, 2001, p. 2).

Mais uma vez citando o trabalho de Gustavo Rocha Peixoto, vemos sua defesa no levantamento do patrimônio niteroiense. Ele chega a defender o tombamento municipal como forma de garantir que sejam preservados bens “do passado” que realmente se relacionem com o cotidiano municipal de Niterói. Trabalhando mais da história local garantimos uma identificação dos moradores com a cidade, criando sentido para os “usos do passado” e fortalecendo laços de identidade.

A identidade por si é composta por três elementos: a unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência. Desenvolver atividades que envolvam a História Local visa demonstrar e a apresentar aos alunos a continuidade e a coerência. A estrutura física já está definida (os limites do município), o que precisa ser levantado é porque Niterói continua oferecendo resistência à ação uniformizadora da metrópole e aos laços que unem as diferentes memórias que compõem a cidade. A memória é fator que acaba explicando a continuidade e a coerência, logo ela é um importante elemento constituinte da identidade.

Quando memória e identidade se unem conseguem derrubar e afastar qualquer questionamento externo que ameace a memória específica, fruto do trabalho de enquadramento. Não existe a necessidade de reformulações ou reestruturações. E essa memória, por si só, quando estabelecida (ou seja, ligada a identidade) trabalha para manter a



coerência, a unidade, a continuidade e a organização do grupo. Por isso, ainda existem niteroienses que se indignam diante das provocações dos cariocas.

Há em Niterói famílias históricas, cujos nomes se misturam e confundem com o desenvolvimento da cidade, sobrenomes de peso dentro da história local. Alguns alunos “carregam” tais sobrenomes e simplesmente desconhecem sua importância. Brasil, Vianna, Souza Soares, Paz, Grilo, Carreteiro... Nomes que estão escritos na história de Niterói, mas que passam despercebidos aos olhos desses jovens. Por isso, acredito que a História Local seria um bom instrumento de inserção dos alunos que “vem de fora” e também de reconhecimentos dos que são nascidos na cidade.

Trabalhar a história local abre a possibilidade de darmos ouvidos a histórias “esquecidas” de Niterói. A busca por relatos de avôs e avós, ou até bisavôs e bisavós. De vizinhos, de qualquer pessoa próxima que tenha sua história de vida ligada à Niterói. Pessoas que antes não tinham porque “contar” suas histórias, agora seriam procuradas para tal. São histórias que não estão estagnadas em “lugares de memória”, mas literalmente na memória dos niteroienses<sup>12</sup>.

A História Local, porém tem suas armadilhas. O professor Luiz Reznik observou duas tendências bastante comuns nos estudos sobre histórias de localidades. A primeira tendência refere-se a situações em que há falta de informações sobre o local estudado e utilizam-se visões generalizadoras da História do Brasil. “Desvia-se o problema através de comparações hipotéticas do que tenha acontecido no local, com fatos generalizadores da História do Brasil.” (REZNIC, 2002, p. 2). A segunda tendência é supervalorizar os acontecimentos locais, buscando dar relevância ao local, colocando em uma posição de destaque nacional que muitas vezes não tem.

Para exemplificar essas duas tendências às quais podemos incorrer erroneamente, eu transcrevo estudo sobre história local e seus “exageros”. Quanto à tendência de usar visões generalizadoras uso como exemplo uma prática vista em Niterói:

“Vale ressaltar que a partir do tratamento de fundador dado a Araribóia, a história de Niterói passa a se confundir com a história da capital da República. Inseria-se a cidade no conjunto da ordem federal, afirmando localmente a unidade nacional, a partir do apelo ao passado distante. No plano simbólico, a inserção de Niterói e do estado do Rio de Janeiro na sociedade nacional era garantida pelos fatos da história.” (KNAUSS, 2003, P. 49).

Quanto à segunda tendência, a de supervalorizar acontecimentos locais transcrevo uma prática comum nos estudos sobre São Gonçalo:

“(...) identidade gonçalense. Nos discursos dos membros das academias literárias, vemos cada um incorporando essa ‘missão’: resgatar a identidade. Nesse intuito, por vezes, eles produzem um história para a cidade em que identificam o pioneirismo em alguns aspectos da vida social e destacam sua importância para a região e o país. Nesses escritos, falta de autoestima dá lugar a um ufanismo, um amor excessivo à pequena pátria.” (FERNANDES, 2009, P. 84-85).

Paralelo à introdução do currículo de História Local de Niterói pretendo utilizar jogos como forma de despertar o interesse dos alunos para os temas abordados. KRUL e EMMEL (2012: p. 4) destacam que o jogo passou a ser mal interpretado nas escolas, passando a ser visto como uma atividade extra, para diversão dos alunos e sem seriedade pedagógica. Amparados nos estudos de Vygotsky, os autores compreendem a importância do jogo como forma de aprendizado e interação com o ambiente social. Para eles, o jogo possibilita: “ensino, aprendizagem, pesquisa, leitura, reflexão, autonomia, criatividade, mediação, diálogo, trabalho em equipe, cooperação, novos conhecimentos, discussão de conceitos, autoria, tempo e espaço de produção de sentidos e significados.”<sup>13</sup> (KRUL e EMMEL, 2012: p. 6).

Para PEREIRA e GIACOMONI (2013, 19) veem a utilização do jogo em aulas de História como um exercício amoroso, já que valoriza o passado e cria expectativas quanto ao futuro. Desperta no aluno o desejo de participar da atividade, sendo que esta mesmo que abrindo a porta para o imprevisível baseia-se em conceitos. Para os autores, o jogo se torna uma possibilidade de compreender diferentes realidades, desde as mais distantes no espaço e tempo, quanto as mais próximas.

Criar uma atividade intitulada “Olimpíadas de História de Niterói” como atividade complementar ao currículo da escola demandará esforço e tempo, mas defendo que é uma forma de estimular os alunos a procurarem estudar por conta própria sobre a história de Niterói. Para passarem de fases e chegarem à final, os grupos deverão conhecer diferentes acontecimentos, curiosidades e símbolos municipais.

Note-se que comportamentos vivenciados na brincadeira, tais como cooperar, competir, ganhar, perder, comandar, subordinar-se, prever, antecipar, colocar-se no lugar do outro, imaginar, planejar e realizar, são aspectos fundamentais à aprendizagem em geral, presentes também na aprendizagem de conteúdos escolares. (FORTUNA, 2013, p.82)

A proposta que tenho executado atualmente é pedir trabalhos de pesquisa sobre a história de Niterói. Procuo intercalar atividades de pesquisa mais tradicionais como trabalhos impressos com trabalhos onde os alunos têm que buscar fotos ou imagens antigas de locais e compará-las com fotos feitas por eles atualmente sobre os mesmos locais.

A tarefa de ensinar História não é fácil. Hoje, ser professor nos cobra cada vez mais dedicação e muitas vezes não conseguimos obter o que desejamos. Pretendo colocar em prática o desejo de incluir no currículo a História Local de Niterói e criar como atividade complementar um projeto que possa balizar essa proposta (no caso, as “Olimpíadas”). Tenho suporte na LDB e nos PCNs para defender minha ideia, mas não sou inocente em não saber que há uma série de interesses que envolvem desde questões financeiras a medo de comprometer outras disciplinas.

A proposta é usar o Ensino de História como forma de motivar uma nova visão acerca da história de Niterói. A partir disso despertar nos alunos uma “curiosidade histórica” que permita fazê-lo compreender o meio que o cerca independente de estar em Niterói, Paris ou Berlim.

Com esse artigo procurei apresentar a cidade de Niterói, debater um pouco sobre a memória e seus “lugares” bem como a possibilidade oferecida pela história local e os jogos. Ainda em fase de muito estudo e conclusão de pesquisas procuro deixar minha contribuição para que possamos ver o Ensino de História e seus debates sendo valorizados e mais divulgados.

### **Referências**

ASSIS, Elizabeth X. de; BELLÉ, Kássia; BOSCO, Vânia Dilma. O ensino da História local e sua importância. In: Revista de divulgação interdisciplinar do Núcleo de Licenciaturas, UNIVALI, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+):** Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 1998.

CAMARGO, Célia Reis. A construção da memória na sociedade global. Identidades sociais: Local x global. Patrimônio e Memória, UNESP: FCLAs: CEDAP, v.2, n.2, 2006.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. (2000), Um santo, um nome e várias histórias de São Gonçalo do Amarante. In: Memórias e patrimônios: experiências em formação de professores. RJ: EDUERJ, 2009, p. 83-99

FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar é aprender. In: Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Editora Evangraf LTDA, 2013, 1ª edição, 2ª reimpressão.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: VARIA HISTORIA 22 (32): 261-273, jul./dez. 2006, pp. 261-273

KNAUSS, Paulo. A cidade como sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea — o incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, 1961 In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 25-54 – 2007.

\_\_\_\_\_. Herói da cidade: imagem indígena e mitologia política. In: KNAUSS, Paulo. Sorriso da cidade: imagens urbanas e história política de Niterói. Niterói Livros, Niterói, 2003, p. 47-77

KRUL, Alexandre José; EMMEL, Núbia. Possibilidades de trabalho com jogos no componente curricular de história do ensino fundamental. Palestra proferida no IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Caxias do Sul – RS, de 29 de julho a 1º de agosto de 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, nº 34, 1992, pp. 9-24

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. O ensino da história local: um grande desafio para os educadores. Adaptação do texto publicado no IV Seminário Perspectivas do Ensino de História: Ouro Preto, 2001.



NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *In: PROJETO HISTÓRIA*. Tradução de Yara Aun Khoury São Paulo, n° 10, dez. 1993, pp. 07-28.

PAIM, Elison Antonio; PICOLLI, Vanessa. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. *História & Ensino: Londrina*, 2007.

PEIXOTO, Gustavo Rocha. Niterói patrimônio: a melhor coisa para Niterói é a vista do Rio. *In: MARTINS, Ismênia de Lima; KNAUSS, Paulo (orgs.). Cidade múltipla: temas de história de Niterói*. Niterói: Prefeitura de Niterói, 1997. P.217-228.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACONOMI, Marcello Paniz. Flertando com o caos: os jogos no Ensino de História. *In: Jogos e Ensino de História*. Porto Alegre: Editora Evangraf LTDA, 2013, 1ª edição, 2ª reimpressão.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 10, 1992, pp. 200-2015.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento e silêncio. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2, n° 3, 1989, pp. 3-15.

REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local? Apresentado no V Taller Internacional de Historia Regional y Local. Havana/Cuba, 2002. Disponível em [www.historiadesaogoncalo.pro.br/txt\\_hsg\\_artigo\\_03.pdf](http://www.historiadesaogoncalo.pro.br/txt_hsg_artigo_03.pdf)

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.) Usos & Abusos da História oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2006, 8ª ed., pp. 93-101

---

<sup>1</sup> SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Memória histórica e documentação das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro. *In: R.IHGB* 3ª série, n° 14 – 2º trimestre 1854.

<sup>2</sup> Segundo o estudo de Joaquim Norberto de Souza e Silva os teminínós seriam descendentes dos tamoios e teriam ido para o Espírito Santo como meio de sobreviverem já que estavam em guerra. Os portugueses os levaram para tal capitania em 1555, sob a solicitação do jesuíta Braz Lourenço ao donatário Vasco Fernandes

Coutinho. Na nova capitania os teminínós fundaram com Braz Lourenço a aldeia de Nossa Senhora da Vitória (atual cidade de Serra). Quando os portugueses foram combater os franceses instalados na Baía de Guanabara, o cacique Araribóia teria aceitado o convite de Estácio de Sá e rumou com ele para o Rio de Janeiro a fim de lutar contra os seus inimigos ancestrais.

<sup>3</sup> Os documentos de renúncia e de posse encontram-se no referido documento de Joaquim Norberto de Souza Silva, mas podem ser encontrados a partir do site da Secretaria de Cultura de Niterói. <http://culturanageroi.com.br/blog/?id=430> visitado em 13 de junho de 2015

<sup>4</sup> Oficialmente ponte Presidente Costa e Silva.

<sup>5</sup> Retirado de [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd\\_1970\\_v1\\_t16\\_rj.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t16_rj.pdf) em 13/06/2015 p. 301

<sup>6</sup> Peixoto se baseou em Tönnies que define *gemeinschaft* como “uma associação em que se encontra uma espécie de “vontade natural”, baseada numa articulação orgânica de seus membros, [...] num sentimento de co-pertinência na base de uma concordância espontânea de pontos de vista, interesses, finalidades”.

<sup>7</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 10, p. 4, 1992.

<sup>8</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 10, p. 2, 1992.

<sup>9</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, 1989 p. 9.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, nº 34, 1992, p.15.

<sup>12</sup> Paulo Knauss caracteriza o incêndio do Gran Circus Norte-Americano, que vitimou 317 pessoas e até hoje é lembrado pelos niteroienses, apesar de não haver nenhum ritual ou monumento relembrando o fato, como um exemplo onde vemos uma cidade que não quer lembrar o ocorrido, mas pessoas que não conseguem esquecer. O incêndio não faz parte da memória oficial da cidade, mas compõe um importante laço de associação dos niteroienses. Basta ver como poucos são os circos que se apresentam na cidade e os que vem tem baixa procura. KNAUSS, Paulo. A cidade como sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea — o incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, 1961 In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 25-54 – 2007.

<sup>13</sup> KRUL, Alexandre José; EMMEL, Núbia. Possibilidades de trabalho com jogos no componente curricular de história do ensino fundamental. Palestra proferida no IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Caxias do Sul – RS, de 29 de julho a 1º de agosto de 2012.